

ENERGIA: UMA TRANSIÇÃO COMPLEXA

Luiz Carlos Corrêa Carvalho
caio@canaplan.com.br

“A palavra de ordem é uma só: mudança!”
Revista Exame, janeiro 2008

Na virada de 2007 e início de 2008, muitas profundas mudanças ocorreram, talvez sem a devida apreciação pelos analistas de mercado ou pelas lideranças técnico-políticas na área de energia. Após uma surpreendente mudança de atitude, os representantes do governo norte-americano na reunião do clima, em Bali, resolveram apoiar a nova posição que o mundo deve tomar em relação às mudanças climáticas. É interessante observar não os detalhes dos vetos desses representantes no citado encontro, mas o resultado de passarem a ser parte do movimento global de solução; após anos de debates, o Pres. Bush sanciona a nova lei de energia norte-americana, com fantástico chamamento ao setor privado na busca de metas para a expansão da oferta de biocombustíveis, que chegariam a 57 bilhões de litros em 2015 e 136 bilhões de litros em 2022 – os 57 bilhões serão o teto para o uso convencional do milho para a produção de etanol e, a partir daí, terá que ser de biocombustíveis avançados (celuloses e, pasmem, de cana-de-açúcar) onde a importação será também parte da meta; logo em 2008, os europeus (U.E.) definem metas de 20% de renováveis em sua matriz energética para 2020, sendo 10% para biocombustíveis, incluído aí a importação desde que de regiões certificadas em termos do não desmatamento e/ou condições sociais aceitáveis.

Não há porque ter dúvidas. Em seguida, mesmo com eventuais dificuldades econômicas, o Japão aderirá, trazendo consigo muitos dos países asiáticos. E assim será.....

Os Estados Unidos da América e o Brasil expandem a produção de etanol de forma impressionante, causando, obviamente, na transição comentada, excedentes de oferta (que tudo muda com a nova Lei de Energia dos EUA) e pressão sobre os preços da “commodity”. No caso do Brasil, a expansão na 1ª fase (anos 90) foi muito nas áreas tradicionais; a partir da virada do milênio, a cana passa a se expandir de forma rápida nos novos Estados do Centro-Sul brasileiro, com ênfase em ambientes de produção

diversos dos conhecidos até então. Muito de P&D, variedades desenvolvidas nesses locais, irrigação e mecanização serão os principais responsáveis pelo êxito da empreitada, até porque a certificação internacional dirá das possibilidades de exportação, valorizando toda a cadeia produtiva. É uma nova fase que apenas se inicia.

Os conceitos que permeiam essas decisões, do conhecimento de todos, são um misto de redução de dependência de petróleo e do gás natural, de redução da emissão dos gases do efeito estufa e de melhoria da renda rural, dando força ao aumento da produção e do uso dos biocombustíveis.

Mas não só no campo da energia vivemos difícil transição – ao novo despertar da realidade do petróleo e seus preços em outro patamar, mais elevado, a agricultura para produção de energia se esparramou pelos rincões dos hemisférios sul e norte, do calor dos trópicos ao frio do norte, levando a notícia do novo, da oferta descentralizada da energia que se renova, no verde das mais variadas opções dos vegetais (*“luz do sol, que a folha traga e traduz, em verde de novo, em folha, em graça em vida, em força, em luz”*- Caetano Veloso). É a opção dos mais pobres (mundo tropical) que se tornam mais competitivos que os mais ricos; é uma opção que se renova em tecnologias, viabilizando uma mobilidade que não agride o meio ambiente, que utiliza a mesma infraestrutura criada ao Deus Petróleo, facilitando a transição. Essa realidade, contestada por homens (Chavez e Fidel) que a apoiavam até o crescimento nesse campo dos EUA, segue enfrentando as críticas de ser responsável por reduzir a oferta de alimentos e a causar novo crescimento global da inflação. É uma versão criada (mal criada) para receber o apoio de muitas ONG's que ainda insistem em que a capital do Brasil seria Buenos Aires, ou que a Amazônia é vizinha da Grande São Paulo.

O argumento, frente ao efeito petróleo e derivados, é uma certeza tão volátil quanto o álcool, quando colocado à luz: nunca o planeta produziu tanto alimento quanto em 2007! O renovável é menos de 1% do combustível usado! Há efetiva redução no consumo per capita dos grãos em correlação perfeita com a redução global da taxa de crescimento populacional anual! O que cresce?

- consumo de carne, com o crescimento global da economia e carne, para ser formada, consome muito mais grãos que os consumidos diretamente.....
- o consumo per capita formidável da China, Índia, com a rápida melhoria da renda de sua população.

Condenar as alternativas ao petróleo equivale, obviamente a ver o mundo sob o prisma do passado obviamente, esse vício ao petróleo interessa aos líderes que alimentam o debate. O continuísmo fabrica o atraso, que, por sua vez, gera o repúdio ao novo, seja da forma que for.

A transição e a mudança fazem, hoje, tremer os alicerces dos conservadores norte-americanos com o crescimento da candidatura a Presidente da República de um afro-americano; faz, também, empresas de petróleo se transformarem em empresas de energia, com propagandas crescentes sobre investimentos nas alternativas energéticas; faz as montadoras de automóveis inventarem carros flexíveis elétricos, “plug-in”, movidos a hidrogênio, etc; faz um país que não teria petróleo e gás natural, como o Brasil, fazer discurso de talvez ser parte da OPEP face novas e extraordinárias descobertas. Talvez, na longa transição que veremos (se Deus quiser) o zumbido sutil – elétrico – dos carros do futuro começa a competir com o ronco dos motores a gasolina ou a álcool ou a diesel. E aí, as projeções de consumo de energia serão outras, muito menores; aí, a eficiência energética é outra, muito maior; aí, o homem responderá, positivamente, à clara e demolidora reação da natureza contra as ações predadoras do homem.

Há coisas muito simples a dizer – *“montadoras de veículos não ganham dinheiro vendendo gasolina elas vendem mobilidade”*. (Vijay Vaitheeswaran). E vão continuar vendendo! E quem define é o consumidor!

Na revolução de cada povo, os Escandinavos dizem que já são verdes; os Europeus do Leste que são muito pobres; os Belgas, que são muito pequenos; os Franceses, que são muito nucleares; os Brasileiros, que são o futuro..... talvez, na esteira do novo, mas as chances são inegáveis:

- a) O preço do petróleo/gás natural, do carvão mineral e da energia nuclear, são crescentes, até para permitir que sua queima seja muito mais limpa;

- b) O preço dessas energias, mais alto, aliado ao desenvolvimento global constante da economia, traz o preço da agricultura, seja para o que for, para um patamar mais alto;
- c) O Brasil é o estoque mundial de agricultura, e começa a se fazer entender nos níveis globais. Uma agricultura global que tinha redução anual real de mais de 2% não tinha futuro: era pobreza crescente, terrorismo crescente e concentração de riquezas insustentável;
- d) A substituição das fontes de energia vem ocorrendo, naturalmente, pelas questões de economia e não de falta (daí a famosa frase do Sheik Yamani: *“a idade da Pedra não terminou por falta de pedras”*);
- e) Novo mundo! Não é fácil encarar uma nova realidade, mesmo que avassaladora. Não é fácil ao homem urbano brasileiro, mesmo os que certamente tem raízes nos solos rurais, aceitar o fato de que é lá que está a riqueza do Brasil, muito mais que a do trânsito enlouquecido das urbes, ou na sofisticação industrial muitas vezes suportada por governo;
- f) Aproveitamento integral da biomassa, com a produção de alimento, energia na forma de combustível e elétrica e, muito importante, um novo mercado de derivados químicos verdes.

A transição será longa; o homem lutará contra o novo; o novo virá na onda da mudança, irresistível – *“seja o que fizer, ou o que puder sonhar, comece. Audácia tem, em si mesma, gênio, poder e mágica”* – Goethe. Foi o caso da Toyota com os carros híbridos.....

O Brasil tem um enorme campo a desenvolver, com vocação de liderança: mas vale lembrar, sob a superfície as coisas parecem boas; mas embaixo, há enormes problemas e dificuldades a enfrentar.

Sob o sol reinará um país rico em energia renovável e em energia fóssil.
E ainda há os que duvidam que Deus é brasileiro.....

